



Papa Francisco

Porque sois tão medrosos?  
Ainda não tendes fé?

*Statio Orbis*

27 de março de 2020

Momento extraordinário de oração  
em tempo de pandemia

presidido pelo Papa Francisco

**Adro da Basílica de São Pedro**

Sexta-feira, 27 de março de 2020, 18h

Naquele dia, ao cair da tarde, Jesus disse aos discípulos: “Passemos à outra margem!” E, despedindo a multidão, levaram-no consigo no barco, assim como estava. Outros barcos o acompanhavam. Surgiu, então, uma tempestade bem forte, que lançava as ondas dentro do barco, que se enchia de água. Jesus estava na parte de trás, dormindo sobre o travesseiro. Os discípulos o acordaram e disseram-lhe: “Mestre, não te importa que pereçamos?” E ele, despertando, repreendeu o vento e disse ao mar: “Silêncio! Cala-te!” O vento parou, e fez-se grande calma. Então Jesus lhes disse: “Por que sois tão medrosos? Ainda não tendes fé?” E, tomados de grande temor, diziam uns para os outros: “Quem é este, que até o vento e o mar lhe obedecem?”

(Mc 4, 35-41)





“Há semanas em que parece que caiu a noite. Densas trevas cobriram nossas praças, ruas e cidades; apoderaram-se de nossas vidas, enchendo tudo de um silêncio ensurdecedor e de um vazio desolador, que paralisa tudo à sua passagem: presente-se no ar, nota-se nos gestos, dizem-no os olhares.”

# As mãos sobre o leme da história

## Prefácio

“Nada no mundo é mais forte do que o justo que reza.

O homem que reza tem o leme da história em suas mãos.” São palavras de São João Crisóstomo, bispo e doutor da Igreja entre os séculos IV e V. Naquele tempo, atribulado e difícil, sob tantos pontos de vista, o grande pastor ensinava que a verdadeira força na vida do mundo é o coração orante: o leme da história está nas mãos daqueles que sabem dirigir o olhar para o Senhor, com profunda fé e grande humildade. Qual dos tempos, na sucessão dos eventos do mundo, pode ser chamado de fácil? Talvez nenhum. Certamente não foi nos primeiros meses de 2020, quando uma pandemia imprevisível atingiu quase toda a humanidade. Naqueles dias, precisamente no final da tarde de sexta-feira, 27 de março, o Santo Padre Francisco repetiu, com palavras e gestos, a profunda convicção do antigo bispo e doutor: “O homem que reza tem o leme da história em suas mãos”.

Por essa razão, ele convocou a Igreja e, em certo sentido, o mundo inteiro, pedindo-lhes que levantassem os olhos, todos juntos, para o Senhor do tempo e da história. Antes de tudo, para considerar do alto de sua Palavra os misteriosos caminhos da existência, encontrando neles um significado e uma graça oculta. Depois, para implorar socorro e misericórdia num momento de grande aflição humana, material e espiritual. Por fim, para abençoar o caminho de toda a humanidade, inspirado na lógica da civilização do amor.

“O homem que reza tem o leme da história em suas mãos.” Aprendemos todos novamente quando vimos o Santo Padre subir a grande escadaria da praça São Pedro, molhado pela chuva, como um homem orante que sobe na direção de Deus, para estar diante dele com confiança, como guia de um grande povo e fiel intercessor. Também o aprendemos ao escutar a Palavra de Verdade e de Vida do Evangelho, e no silêncio com o qual essa Palavra se tornou Luz em nossas muitas trevas. E mais uma vez o aprendemos ao olharmos com emoção o Crucifixo milagroso de São Marcelo al Corso e o ícone de Nossa Senhora *Salus Populi Romani*: imagens eloquentes e sugestivas de uma salvação dada por Aquele que morreu e ressuscitou por nós e por um cuidado materno que se dobra com doçura sobre toda dor humana. Por fim, aprendemos na adoração eucarística e na grande bênção *Urbi et Orbi*, quando o Salvador do mundo alcançou toda a humanidade com uma carícia de amor, capaz de redimir, consolar e dar esperança.

A praça São Pedro, naquele final de tarde, estava vazia, deserta. Incrivelmente deserta. E mais silenciosa do que nunca. No entanto, ali mesmo, o mundo inteiro se reuniu, convocado por um homem vestido de branco que, mais uma vez, a todos sem exceção, repetiu com palavras fortes e persuasivas, com o humilde poder das imagens: “O homem que reza tem o leme da história em suas mãos”. E o reafirmou também ao deixar o lugar do grande encontro de oração, em silêncio e sozinho. Quase como se dissesse a si mesmo e a todos, como o salmista: “Levanto meus olhos para os montes: de onde virá o meu socorro? Meu socorro vem do Senhor, que fez o céu e a terra” [Sl 121(120),1s.].

**Mons. Guido Marini**

Mestre das Celebrações Litúrgicas



OST PAVLVS V BVRGHESIVS ROMANVS PONT MAX AN MDC XII PONT





I Parte

## *A Statio Orbis*

# Introdução

## Parte I

O que ocorreu no dia 27 de março na praça São Pedro?

Ocorreu uma coisa simples e grandiosa. Um momento extraordinário de oração uniu o mundo. As imagens eram poderosas, dramáticas. Muitos se perguntavam sobre o que viram. Mas o importante era invisível aos olhos.

Muitos procuraram na forma uma resposta que, no final, não encontraram. Na verdade, nunca entenderemos o poder daquele momento utilizando os tradicionais instrumentos de análise. Seria como pensar em entender uma poesia com as regras da métrica.

Vivemos em um tempo que pode nos cegar. Um tempo de olhares curtos e míopes, incapazes de ver o essencial das coisas: a dor transfigurada do mundo, a redescoberta da própria fragilidade, a necessidade de olhar além, e de recorrer a Deus.

Não há respostas para perguntas mal colocadas. Por isso, é necessário deslocar o foco da questão. De onde vem a necessidade de rezar? Onde está a extraordinariedade daquele 27 de março? Na liturgia? Em sua cobertura televisiva? Ou na verdade que o rito representou?

Semanas antes, parecia ter caído uma noite sem perspectivas de amanhecer. Semanas antes, o mundo olhava para Roma, para o Papa, para encontrar em suas palavras uma resposta que não fosse apenas a contagem das vítimas. Semanas antes, Francisco tinha aberto as portas da pequena capela de Santa Marta ao mundo inteiro, para que rezassem com ele durante a missa e ouvissem seu comentário sobre as leituras. Semanas antes, ele se perguntava como acompanhar esta travessia no deserto com atos simbólicos capazes de iluminá-la: a peregrinação solitária na Via del Corso para visitar o milagroso Crucifixo; a oração à *Salus Populi Romani*; a recitação do Pai-nosso por todos os cristãos no dia em que muitas Igrejas recordam o anúncio à Virgem Maria da Encarnação do Verbo. Assim, tomou forma a ideia de um momento extraordinário de oração.

O primeiro a falar publicamente sobre essa oração foi o capelão do presídio “Due Palazzi” de Pádua, padre Marco Pozza, em uma transmissão de TV da Conferência Episcopal Italiana na Rai1, o principal canal de televisão italiano.

Suas palavras foram: “Eu sou o último sacerdote do planeta. Vivo dentro de uma prisão com pessoas que faliram na vida. Peço ao Papa Francisco um gesto forte... Uma *Statio Orbis*, que às vezes é feita. Peço-lhe que escolha o dia, a hora, a modalidade. Talvez sozinho na praça São Pedro, ou dentro da Basílica [...] para que faça a Deus uma oração de libertação, uma missa, alguma coisa... Peço-lhe, Papa Francisco, que faça um gesto planetário. Peça à Igreja que pare, peça ao mundo inteiro que fique ao seu lado. [...] O senhor tem o poder da palavra, tem o poder do símbolo. Faça-nos compreender que Cristo está presente neste momento, dizendo-nos algo. O senhor é a ponte para nós... Não nos deixe sozinhos”.<sup>1</sup>

No mesmo dia, em seu blog, padre Marco escreveu:

“Papa Francisco, esta noite sonhei com o senhor: era de uma evidência clara. E, ao seu lado, brilhava a lâmpada de Maria. Eu o vi saindo, com passos suaves, da casa Santa Marta. *Ave Maria, gratia plena, Dominus tecum*, o senhor repetia com seu inimitável sotaque argentino. Ela, que ia a sua frente, escancarava as portas: todas eram blindadas. O senhor foi com ela até a praça São Pedro, aos pés daquele obelisco que, para mim, sempre me pareceu um indicador apontando para o Alto. A praça estava vazia, deserta, insolitamente em estado de sítio. E lá, no meio, o senhor se ajoelhou no chão. Ficou lá por muito tempo, em silêncio, de mãos unidas, com aquele traço místico que encontro no senhor quando reza. O senhor estava lá, enquanto o mundo inteiro – dentro de casa – o seguia. Milhões de câmeras apontadas para seu rosto, o rosto de Pedro, e todos os jornalistas silenciosos, surpresos e mudos. O mundo, ao saber que o senhor estava na praça, parou para olhar. E, ao olhar para o senhor, todos olhavam para Ele. O senhor ali, de joelhos, era uma ponte: chamam-no *Pontífice*, não por acaso. Pontífice-máximo: portanto, muito mais que a ponte de Brooklyn ou a que será construída em Gênova. O senhor é a Ponte-de-Deus. E dali, enquanto rezava, vi Maria com a mão em sua cabeça. É o gesto que muitas avós, no norte da Itália, fazem com seus netos antes de saírem de casa: ‘Que Nossa Senhora tenha a mão em sua cabeça’, dizem. Como para dizer: ‘Vá e volte, estou esperando por você!’. Deus, lá em cima, nunca pareceu tão próximo do senhor. O senhor se lembra de quando, num momento difícil, me falou daquela página do Deuteronômio de que tanto gosta: ‘*Com efeito, que grande nação tem deuses tão próximos como o Senhor, nosso Deus, sempre que o invocamos?*’ (Dt 4,7) Moisés, na primeira leitura de hoje, bateu na rocha e a água jorrou, dissipando todas as dúvidas. [...] Aqui estamos em guerra. Seremos salvos pelo contato direto com Deus, não mais pelo *streaming*. Não é mais suficiente: precisamos do senhor, com seu equipamento de Pontífice e Bombeiro. Certamente não sou eu a sugerir o que fazer: a inspiração é garantida por Deus para o senhor. Um Deus que, mais de uma vez, confia à débil voz dos sonhos as suas cartas.... Aos que perguntam: ‘Onde está o Papa?’, o senhor responde com sua presença: o senhor é a ‘ponte’ entre o céu e a terra, uma terra que definha – é o mundo evoluído que definha – enquanto o senhor, que veio do Sul do mundo, nos mostra que esta prova está marcando em nossa carne o que significa a dor dos povos que vêm sofrendo há séculos. Esta terra doente deve

levantar seus olhos para os céus e acreditar que só precisa de Deus, e converter-se a Deus! Uma *Statio Orbis*, Papa Francisco, nada menos que isso. Uma *Statio Orbis* planetária. O senhor, sozinho, na praça São Pedro, enquanto todo o mundo está deserto e os homens estão todos fechados em suas casas, com medo do contágio! Com medo de serem eles mesmos causa de contágio: contagiosos e vítimas, ao mesmo tempo. Levante sua voz, sua oração, sua intercessão: implore a Deus que venha em nosso auxílio! A provação deste contágio está abrindo os corações, as mentes de muitos para Deus. O senhor é o ‘maior’ homem da terra: o Vigário de Cristo. *Pare o mundo, a Igreja inteira, para que o mundo possa elevar a mente e o coração a Deus!* Suplico-lhe, Papa. Apresse-se! O senhor tem o melhor equipamento para apagar este incêndio”.<sup>2</sup>

“Uma *Statio Orbis* – escreveu padre Marco uma semana depois – não é uma teologia da fantasia, muito menos uma proposta caprichosa daqueles que, para elevar o nível, propõem o impensável. ... A forma não é a formalidade, é uma antecipação do conteúdo, um prelúdio do que está escondido. É a própria vestimenta do Mistério. Na figura de Pedro, o ápice da palavra convive com o máximo do gesto: a palavra e o gesto. Quando Pedro faz um gesto, o mesmo gesto que eu também poderia fazer, o gesto tem um valor completamente diferente: a figura o faz aumentar dez vezes o seu poder. O mesmo se aplica à palavra: o falar humano é, em um instante, (des)humano se pronunciado por Pedro. Portanto, não nos dirigimos a Pedro com palavras que antes não tenham sido rezadas, ajoelhadas, ponderadas, pesadas. Uma teologia de joelhos é a única teologia possível. Por que, então, uma *Statio Orbis* que desafie todo o planeta? Porque, no meio de uma corrida desenfreada, há a necessidade de parar: ‘Por que você corre se não sabe aonde ir?’, li na parede de uma estação ferroviária. [...] Uma *Statio Orbis* é uma parada: lembrem-se da antiga estação ferroviária? Imaginem assim: pede-se para o trem parar por um momento, para parar na estação de São Pedro, para se ligar com Cristo. Não é uma perda de tempo, é ganhar tempo: uma parada, na flutuação da história, ‘para fazer um balanço do caminho já feito e renovar as forças na direção de metas futuras da história e do tempo. Nessa parada, o mundo cristão inteiro está simbolicamente envolvido e presente’.<sup>3</sup> Como quando acontece de a Igreja fazer uma *Statio Orbis* diante da Eucaristia: ‘o mundo para’ diante de um pequeno fragmento de Pão, que para os cristãos é Cristo (e Cristo é Deus), porque só Nele podemos ser salvos... Mais ou menos da mesma forma, imagino um homem, Pedro, pedindo para ‘parar o mundo’ diante de Cristo, para que o mundo creia que somente em Deus somos salvos. O que posso dizer a vocês? É como pedir a humildade do mundo que faz tanta falta, aquele ‘eu não preciso de Deus’ que está se tornando a forma moderna de ateísmo.”<sup>4</sup>

Apresentei as palavras do padre Marco na íntegra, porque elas explicam bem o início, a origem, o Espírito, com E maiúsculo, que moveu a ideia que o Papa assumiu. Se esse foi o prólogo, o desenvolvimento (filmado pelas câmeras e fotógrafos do Vatican Media) foi concebido pelo mestre das cerimônias pontifícias, monsenhor Guido Marini.

A direção televisiva foi sóbria, essencial.<sup>5</sup> Seis câmeras para contar o vazio da praça e a oração do Papa. Sua chegada. Sua caminhada na chuva. O crucifixo que parece chorar. As nuvens no céu. Os vislumbres da luz. O Papa rezando. O som das sirenes quebrando o silêncio. O mundo inteiro observando. Os operadores de câmera, e os fotógrafos invisíveis. Eis novamente o tema da invisibilidade. Creio que poderíamos falar horas a fio sobre o nascimento da ideia, a direção, a luz, a fotografia; por que foi escolhida a praça, e não a Basílica; por que o Papa fez tudo a pé; sobre a relação entre a praça vazia e as centenas de milhões de pessoas reunidas em oração, sobre o silêncio e as palavras... Mas correríamos o risco de perder o sentido do que ocorreu; o risco de pensar que, para a Igreja, a comunicação tem as mesmas regras do cinema, da televisão, do teatro, dos espetáculos. Mas, dessa forma – advertiu o Papa Francisco – “acabamos domesticando Cristo”. Assim, não se dá mais testemunho do que se faz por Cristo, mas se fala em nome de certa ideia de Cristo. Uma ideia possuída e domesticada pelos que organizam as coisas e se tornam pequenos empresários.<sup>6</sup>

A verdade é que 27 de março foi um momento misterioso e poderoso do *kairós* em torno de uma oração simples.

Como Francisco afirmou sobre Pedro e os apóstolos: “O protagonista dos Atos dos Apóstolos não são os apóstolos. O protagonista é o Espírito Santo. Os apóstolos são os primeiros a reconhecê-lo e a atestá-lo. [...] A experiência dos apóstolos é como um paradigma que se aplica para sempre. Basta pensar em como as coisas, nos Atos dos Apóstolos, acontecem gratuitamente, sem forçar. É uma vicissitude, uma história de homens na qual os discípulos chegam sempre em segundo lugar, sempre atrás do Espírito Santo que age. Ele prepara e trabalha os corações. Ele perturba seus planos. É Ele quem os acompanha, os guia e os consola em todas as circunstâncias em que eles se encontram. [...] É inútil se preocupar. Não precisamos nos organizar, não precisamos gritar. Não precisamos de nenhum truque ou estratégia. Só precisamos pedir para poder repetir hoje a experiência que nos faz dizer ‘nós decidimos, o Espírito Santo e nós’ [...] Sem o Espírito, querer fazer a missão se torna outra coisa. [...] Os que querem ser protagonistas ou empresários da missão, com todas as suas boas intenções e suas declarações de intenções, muitas vezes acabam não atraindo ninguém. A missão não é [...] um espetáculo organizado para contar quantas pessoas participam graças à nossa propaganda. O Espírito Santo age como quer, quando quer e onde quer”.<sup>7</sup>

A extraordinariedade de 27 de março reside precisamente nisso. Sua capacidade de comunicação nasce da verdade. O Papa estava sozinho, como cada um de nós. Todos sozinhos diante de Deus. Todos unidos diante de Deus. Todos frágeis e nas suas mãos. Em uma das homilias em Santa Marta, o Papa Francisco disse que “o Senhor consola sempre na *proximidade*, com a *verdade* e na *esperança*”. “Na *proximidade*, nunca distante: ‘estou aqui’. Que bonita expressão: ‘Estou aqui’. ‘Estou aqui, convosco’. E muitas vezes em silêncio. Mas sabemos que Ele está presente. Ele está